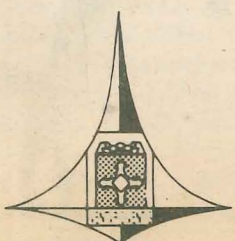


L • E • T • R • A • S  
D I

DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA

Brasília, dezembro/1992 - Ano 1 - Nº 2



**SUPLEMENTO CULTURAL**  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



# Goiás - Velho, Goiás-Novo:

## A Construção de Goiânia e as utopias dos anos 30

*A construção de Goiânia antecede a de Brasília em mais de vinte anos. As circunstâncias históricas em que surgiu a nova capital de Goiás são porém muito diferentes, como vai aqui contado pelo prof. Nasr Chaul.*

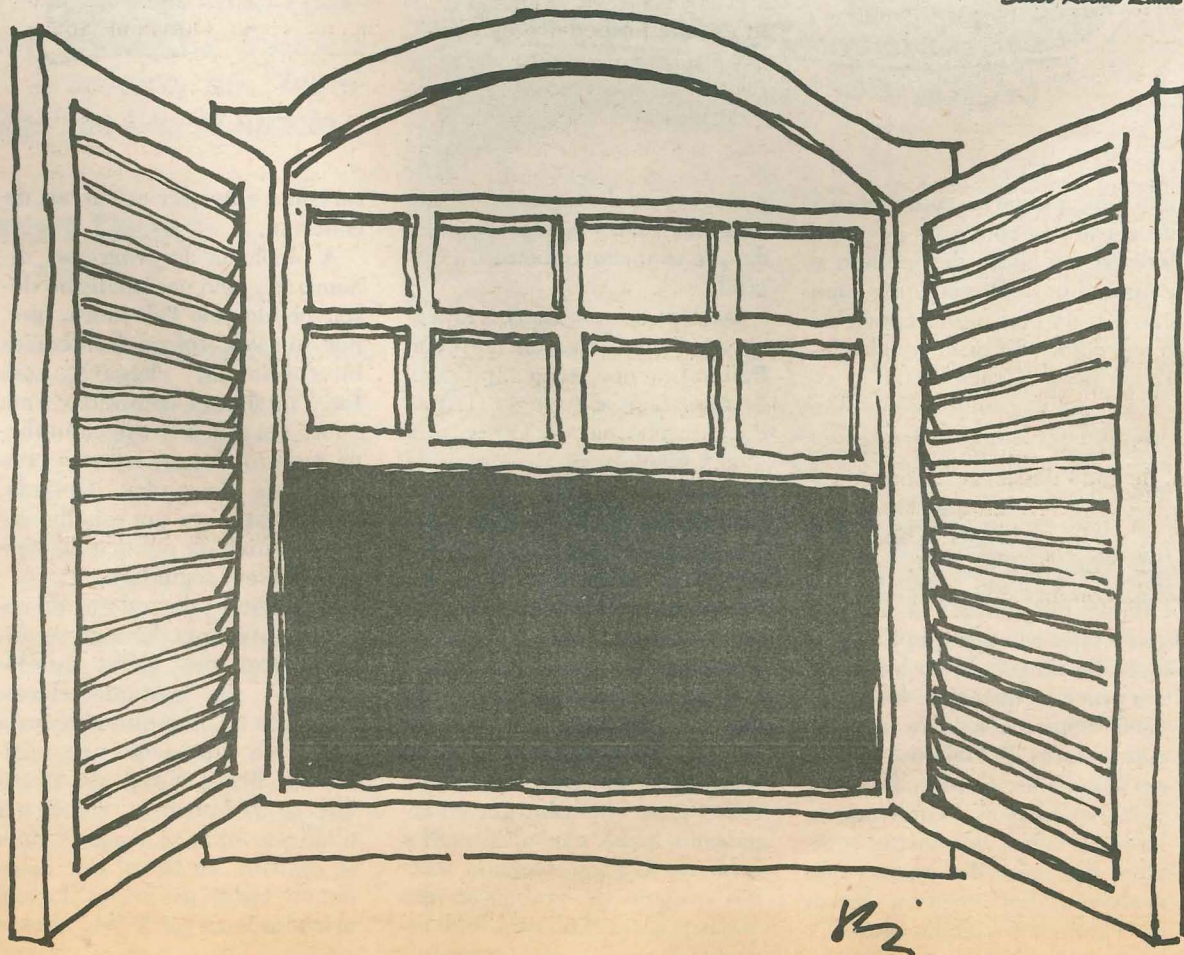
**NASR FAYAD CHAUL**

Universidade Federal de Goiás

*Elder Rocha Lima*

Sobre a construção de Goiânia muito já se falou, mais ainda não é muito o que se falou. Filha dos anos trinta, gestada em lenta gravidez de idéias nos séculos 18 e 19, a idéia de mudança da capital do Estado de Goiás foi retomada pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, no início da década de trinta, como filha adotada, que se tornou diletta, espelho dos olhos, esperança e progresso, estratégia e sobrevivência política.

O início dos anos trinta no país foi conturbado. Foram depostas as antigas forças oligárquicas através de um movimento aglutinador de forças heterogêneas (oligarquias dissidentes, camadas médias urbanas, tenentes, burguesia industrial...), não se conseguindo ainda decodificar o estranho código político que se ouvia no vento. Mas a resposta não estava no vento. A resposta viria das articulações em torno de uma burguesia incapaz de, na Primeira República, efetivar o processo de acumulação de capital, mola-



mestra para o desenvolvimento do mercado interno nacional, uma vez que não controlava a articulação da produção que tão bem aquinhoou, através da concentração da renda feita às custas de uma inflação galopante, os frutos de inumeráveis empréstimos externos, cujos resultados tão bem resumiu Celso Furtado, quando se referiu à "socialização das perdas".

Trinta no Brasil foi uma tentativa de reorientar o cometa desordenado da economia brasileira, de colocar um pouco a lucidez na loucura curável do capitalismo brasileiro. Não deve ser entendido como processo homogêneo para o país, uma vez que Goiás não contava com a composição de forças (burguesia e proletariado) que originaram os estudos mais fecundos sobre a época mas que, ao soprarem em Goiás, não encontraram ressonância, não encontraram uma satisfatória resposta quanto à participação da burguesia e do proletariado no movimento. Em Goiás a resposta ainda não estava soprando com



o vento. A resposta estava na estruturação de um Estado cuja composição político-social oscilava entre os grupos oligárquicos que centralizavam as decisões políticas nas cidades de Goiás, Porto Nacional e Morrinhos, ligadas aos moldes e práticas políticas da Primeira República, e outros grupos oligárquicos situados no Sul e Sudoeste do Estado, cujo potencial econômico não encontrava o devido respaldo político e cuja mentalidade era, para a época, bem mais modernizante e liberal, embora ligada com o afincamento de uma raiz à estrutura fundiária.

Goiânia foi edificada sob parâmetros vários. Serviu de estratégia política de poder para seu mentor, Pedro Ludovico, numa época em que o governo era provisório e o governante um interventor indo ao encontro das eleições constituintes de 1933, que elegeriam os representantes governamentais e senatoriais em 34. A idéia de mudança da capital era uma bandeira empunhada como argumento, defendida como necessidade, posta como anseio de um povo, requisitada como fundamento e representatividade de um Estado carente de uma capital à altura de seu pretendido salto político-econômico. A mudança da capital ocultava a face mais real de seu intento. Não era apenas o deslocamento do centro de poder dos velhos oligarcas Caiados. O era também. Não era apenas a vontade atávica de uma idéia de um povo ou de um político que buscava concretização. Era bem mais que isso. Feita em nome do progresso, da esperança e do pretenso "novo" que se contrapunha ao suposto "velho", Goiânia representava o veículo de condução político burocrática capaz de levar o estado a uma maior inserção no mercado nacional, a uma dinamização do processo de acumulação capitalista nas fronteiras mais desenvolvidas economicamente no Estado. Antes de ser uma capital para Goiás, Goiânia era uma capital para o Sul e Sudoeste do Estado, uma vez que estes grupos haviam encontrado a abertura de participação política necessária aos seus intentos no Movimento de Trinta, via Aliança Liberal, e concretização de tais anseios no Partido Social Republicano (PSR), liderado por Pedro Ludovico nas eleições de 33/34. Pedro Ludovico, um médico em busca de ascensão política, um liberal, um humanista, um lídimo representante dos anseios políticos e econômicos dos grupos ligados ao Sul e Sudoeste do Estado. Um carisma solidário às transformações.

A construção de Goiânia efetivava-se no burburinho político das vozes contrárias à mudança da capital. A oposição,

em especial a da cidade de Goiás, alegava problemas de toda ordem para a não efetivação de ato tão protelado ao longo da história goiana. A falta de verbas, a carência econômica de um Estado face aos gastos tão múltiplos que se iria fazer, a aplicação dos mesmos na solução de problemas crônicos de vários municípios nas áreas de saúde, educação e energia. Os ouvidos mudancistas se dispunham a emitir silêncios. Não se tratava de remodelar o "velho" e sim providenciar o "novo". Não se tratava de prever os gastos e sim calcular os investimentos. Não se tratava mais de manter o atraso para se obter maior autonomia de poder. Os tempos eram outros e a resposta talvez nem pudesse mais vir com o vento.

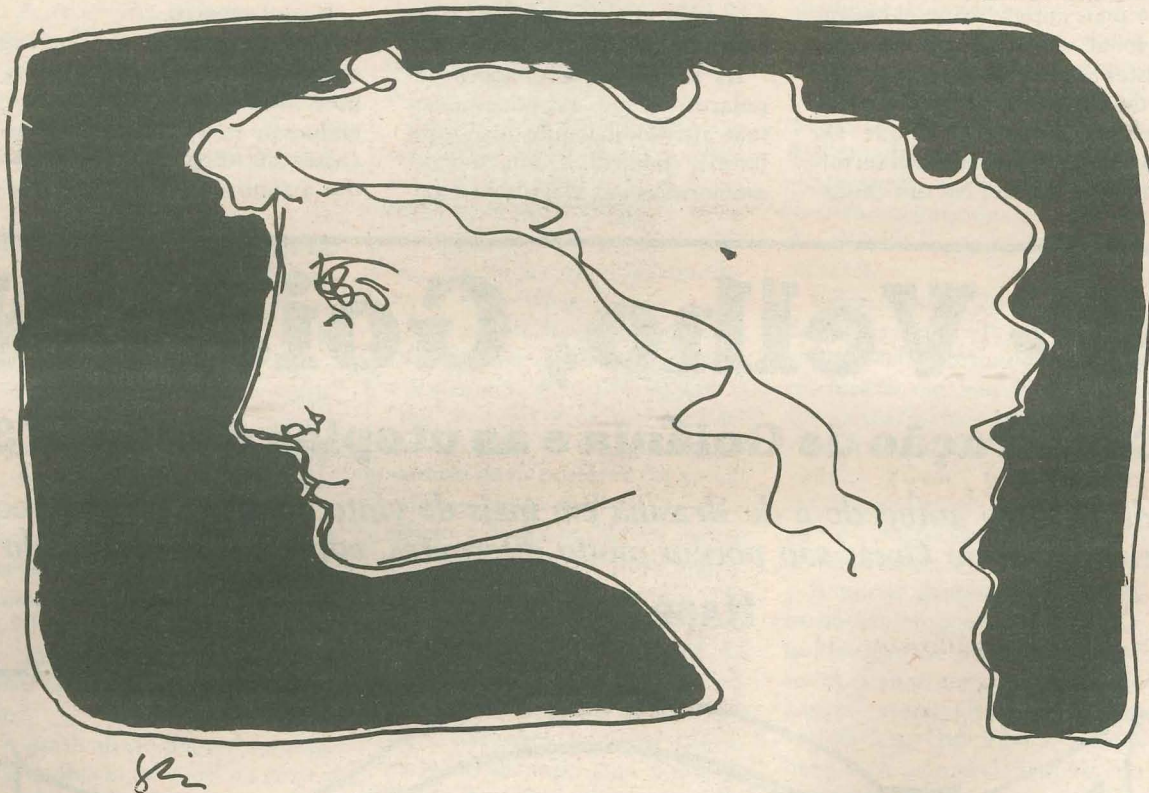
A verba viria dos lotes vendidos na área da construção de

Uma parcela da sociedade da época, a que tinha expressão na política local, escondia o fazendeiro por trás do profissional liberal. Era o médico, o advogado, o farmacêutico, o engenheiro, o bacharel, etc, quase todos ligados à estrutura fundiária, que demonstravam por si mesmos ou através de seus representantes geralmente das camadas médias urbanas, uma mudança nos quadros da política estatal. Se fazia crer que o velho, a velha ordem oligárquica, tinha cedido lugar a uma nova ordem, de novos homens, entre jalecos e leis, remédios e construções, que, assim, dariam ao Estado uma nova mentalidade: mais progressista, mais moderna, mais dinâmica. Era um reflexo do espelho dos anos trinta. Uma mentalidade urbana com os pés plantados em solo rural. Tal mesclagem (urbano-rural),

cooptadas para e pelo exercício do poder. Goiânia seria assim a própria antítese de Goiás. Todo o passado esculpido e arraigado na velha capital seria projetado, a passos largos, rumo ao futuro com a construção de Goiânia.

As capitais se erguem para o capital. São racionalidades administrativas e burocráticas do Estado que se impõem na lógica do capitalismo. São espaços que permitem organizar o jogo político, são palcos do aplauso dos oportunistas de plantão, mas são também perspectivas que se abrem rumo à modernidade. Arquiteticamente falando, Goiânia foi o símbolo do moderno e do urbano em solo rural. Um teatro de "art nouveau" cravado no meio do planalto central. Um ruído berrante do Pantanal tocando no Olympia de Paris. Os homens demo-

*Elda Rocha Lima*



Goiânia, pingaria como chuva de verão dos cofres do governo federal por meio de apólices e empréstimos. Obviamente não cairiam do céu numa época de tempestades internacionais geradas pelo "Crack de 29", seguida pela grande depressão mundial que atinge o Brasil com maior intensidade ao longo dos anos 30.

A mão-de-obra básica teve que ser chamada do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia, para formar um contingente operário que não havia se formado no estado ao longo de seu processo histórico. Os quase 4000 anônimos, a outra face dos construtores de Goiânia, viviam em condições sub-humanas de vida e os salários, quando pagos, viravam vales, que viravam dívidas nas mãos dos agiotas que acabavam por virarem lucros nas cantinas dos exploradores.

pode, até os dias atuais, ser notada nas várias facetas da cidade que se tornou Goiânia, a Capital.

Destaca-se nos anos trinta o crescente interesse do Governo Federal na ocupação capitalista da Amazônia, dentro da chamada "Marcha para o Oeste", da qual Goiânia seria o símbolo do Brasil "grande", do "novo", do "progresso", que levaria o Estado de Goiás a sair do marasmo político-econômico, além de representar o "novo-tempo" que se estruturava nos horizontes nacionais.

Pode-se observar através do que foi dito que, por trás da ideologia do progresso, estavam aspirações de uma oligarquia com alguns ideais burgueses repassados pelas camadas médias urbanas. Por isso Goiânia seria um símbolo de unificação das oligarquias do Sul e do Sudoeste,

rariam a entender os currais de concreto.

A ideologia do progresso, dinamizada pelo nacionalismo desenvolvido pelo País afora, que, por sua vez, sofreu influências internacionais, chegava com força total para consolidar uma época em que o Brasil caminhava a passos largos rumo a centralização do poder. Goiânia, no contexto, era um espelho representativo da política de Vargas e de seus seguidores.

As palavras do redator da revista Oeste, uma das maiores divulgadoras das idéias estadonovistas, são bastante claras: "Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos do Brasil Novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num só corpo e num só espírito, do Brasil que coordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e

nobres, do Brasil que se ergue do berço esplêndido e começou já a cavalgada da glória. Goiânia é, assim, a espécie de cadinho em que se cozem e purificam os nossos vários caracteres. Nela, mais que em outro ponto qualquer, se encontram os dois Brasis — o do litoral e o do sertão —, nela se está formando a célula do Brasil integral... para todo o Brasil, Goiânia adquire uma fisionomia inconfundível e a sua posição se delinea sob o ponto de vista nacional, verdadeiramente a conquista do Brasil pelo Brasil, isto é, a Marcha para o Oeste para um intuito inicial, um propósito básico. E Goiânia foi a manifestação prática desse movimento profundo de nacionalidade." (Paulo A. Figueiredo. Revista Oeste, pgs. 220-221). Talvez nem Pedro Ludovico nem seus aliados soubessem que Goiânia representava tanto e tantas coisas assim.

Goiânia pode assim ser encarada como a imaginação utópica da época. Perspectiva de uma nova vida, de um novo tempo, ideologicamente disseminado pela "Revolução" de 30. Esperança de dias melhores, de ruptura com o passado, de sonho a ser conquistado, enfim, de concretização de um projeto humano resultante de relações humanas. Assim, a idéia de progresso serviu fartamente aos ideais de consolidação política de Pedro Ludovico, através de sua proposta de mudança da capital. Mudando a capital, Pedro Ludovico não só estaria coroando seu ideal político em prol do progresso das regiões Sul e Sudoeste, como estaria também criando um novo centro de poder. A mudança da capital significava também ganhos políticos, uma vez que mudando a capital o Governo estaria criando o necessário espaço urbano à nova etapa de acumulação capitalista no Estado além do espaço necessário à sua afirmação no poder.

Foi, portanto, sob o prisma luminoso do progresso que se atacou de todas as formas a antiga capital e sob o mesmo refrão procurou-se justificar a nova capital. Pedro Ludovico, por sua vez, utilizava seu saber médico e tratava a cidade de Goiás como a um doente em um quase pré-coma na UTI do capitalismo, desenganada pelos mais célebres cirurgiões do Sul e Sudoeste do Estado. A velha Goiás era ideológica e taticamente o exemplo de como não devia ser uma capital. A Goiás Velha era vista como a antítese dos tempos, o buraco do sertão goiano, paciente em fase terminal. A velha Goiás, berço de Cora Coralina, misto de jornalista, doceira e poeta cujos poemas podem servir para demonstrar os universos que o planeta história pode alcançar na dimensão do co-



nhcimento humano, estava velha demais para uma plástica eficiente. Suas rugas no espelho do tempo serviam de demonstração não valorativa, diferentes das rugas de Cora e de sua poesia.

A marcha desenvolvimentista de Vargas e seu espelho em Goiás, Pedro Ludovico, necessitava, assim, de uma capital que espelhasse o progresso, acessível, na vanguarda dos tempos pós-30. Uma capital que coordenasse a vida política e estimulasse a econômica.

Em suma, Goiânia pode ser considerada um fruto do Estado Novo, uma vez que sua realização dependeu basicamente do regime instalado em 30 e que culminou na ordem imposta por Vargas em 37. Para o regime que se instalava o inverso era também verdadeiro: Goiânia

era a representação maior do "nacionalismo", do "bandeirantismo", da "sagacidade" do brasileiro, termos cantados e decantados pelos ideólogos do Estado Novo.

Torna-se claro que Pedro Ludovico e o Estado Novo tinham um forte ponto de convergência: Goiânia. Pelo lado de Pedro Ludovico, o regime servia como suporte de sua mais alta realização política — sua e dos grupos oligárquicos do Sul e Sudoeste —, pelo lado do Estado Novo, Goiânia servia como concretização dos ideais do momento, como símbolo que encarnava, na prática, o nacionalismo apregoado pelo regime. Eles se serviam, se complementavam. No tocante à mudança da capital, podemos afirmar que o Estado Novo foi o catalizador final da transferência da capital, bem

como o início de uma dependência política cada vez maior junto ao Governo Federal.

Para se refletir sobre a construção de Goiânia é necessário entendê-la sob o manto da expansão capitalista que se processou no Brasil do pós-30. Havia em Goiás grupos oligárquicos ligados às regiões sul e sudoeste que ansiavam por uma maior participação política no governo para dar vazão aos seus potenciais econômicos, uma vez que a política da Primeira República cerceava qualquer participação política de elementos fora de seus interesses.

Tal questão tem sido analisada sob o prisma básico de que as oligarquias que controlavam o poder no Estado durante a Primeira República não tinham qualquer interesse em desenvolvimento uma vez que sua tática

era a de manter o atraso do Estado para garantir a continuidade de sua hegemonia. Assim concebido temos que a dicotomia se instalava, pois as regiões de maior desenvolvimento econômico e anseios progressistas estavam fora do jogo político das decisões.

Se assim considerarmos vamos observar que havia toda uma mentalidade de progresso e modernização perpassando as necessidades dos grupos do sul e sudoeste do Estado, fruto de seu processo histórico, que vai encontrar ressonância na Revolução de Trinta, apoiando antes a Aliança Liberal e tendo em Pedro Ludovico Teixeira o representante adequado às necessidades de maior expansão econômica do Estado, com o fito de inserir cada vez mais Goiás no mer-

cado nacional, bem como de dinamizar seu processo de acumulação de capitais. Goiânia, deve, portanto, ser vista no bojo deste processo.

Enfim, chegava-se a uma época de definições em relação a Goiânia. Sua inauguração oficial só se daria cinco anos mais tarde, em julho de 1942. Hoje, entendendo que, se Goiânia não foi a realidade mais desejável ao longo de seu processo histórico, foi, pelo menos, a melhor utopia possível.

Nasr Chaul, mestre e doutorando em História, é professor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás e também letrista de sucesso. Endereço para correspondência: Rua 2, nº 155, ap. 501 - Setor Oeste. 74.320 - Goiânia - GO.

# Música e Mestiçagem

## Tropicalização Musical

Neste artigo, originalmente objeto de comunicação em um simpósio internacional, a prof<sup>a</sup> ODETTE ERNEST DIAS examina o fenômeno de tropicalização da música francesa que resultou no "choro" brasileiro, no "biguine" da Martinica e no "sega" de Ilha Maurício.

### ODETTE ERNEST DIAS

Universidade de Brasília

Na sua obra recente "O Discurso dos Sons", (Musik Als Klangrede 1982), o musicólogo alemão Nicolas Harnoncourt propõe certas reflexões sobre a música que podem nos ajudar a considerá-la sob um aspecto linguístico: "A música é a língua viva do inexprimível, e deve sempre ser criada pela renovação, da mesma forma que os homens constroem para si novas casas que correspondem a um novo modo de vida, a uma modalidade de vida espiritual... A música é o reflexo da vida espiritual de sua época, do presente... Tem sua estética própria, (de que a relação com a linguagem é facilmente reconhecível) e também um grande número de meios de expressão específicos: o ritmo, a melodia, a harmonia, etc..."

Partindo destas idéias, podemos chegar a uma comparação entre a linguagem das palavras e a dos sons, presenciando fenômenos que se poderiam caracterizar como de "tropicalização musical".

O objeto deste artigo é uma tentativa de apresentar esta "tropicalização musical" em três países: o Brasil, a Martinica e a Ilha Maurício; bem como destacar o papel da cultura francesa nesse fenômeno e de entrever suas transformações e tendências atuais.

Imagens e espelhos  
A cultura francesa, por razões de ordem econômica e política, teve uma expressão notável no mundo do século XIX, não apenas nos países colonizados pela França, como a Martinica, ou que haviam sido colônias no passado, como a Ilha Maurício, mas também em países como o Brasil — de língua portuguesa.

Era a época das viagens marítimas de longo curso, facilitadas pela navegação a vapor, época das grandes turnês artísticas que duravam meses e apresentavam os mesmos espetáculos de ópera e de opereta no mundo inteiro. Eu poderia citar alguns entre eles que fizeram furor nos teatros, tanto do Rio de Janeiro quanto de Port-Louis, como "Mignon", de Ambroise Thomas, "Les Cloches de Corneville", "Les Dragons de Vil-



lars", "La Vie Parisienne" d'Offenbach e outros.

A boa sociedade branca e a mestiça no seu desejo de ascensão social assistiam a esses espetáculos e, de volta à casa, se apressavam em pedir aos editores franceses os extratos dessas óperas reduzidas para canto e piano. Músicas que seriam em seguida objeto de noites musicais animadas (saraus no Brasil),